

Angelo Passos

É jornalista e escreve aos domingos neste espaço

E-mail: apassos@redegazeta.com.br

Comércio exterior evita recessão mais intensa, mas não tira a economia do buraco. A crise de confiança, gerada por imbróglio político, inibe investimentos

Cenário de incertezas

Análise feita pelo Iedi (Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial) conclui que se não fosse o comércio exterior teríamos mais recessão. E reforça a informação acrescentando que “em 2015, a demanda interna contribuiu com -6,5 pontos percentuais para desempenho de -3,8% do PIB”.

Mas, e daí? Descobriu-se luz no fim do túnel? Não, infelizmente. Não dá para enxergar nem um palmo além do nariz.

Cabem algumas observações. Primeiro, é óbvio que a contribuição externa teria sido mais expressiva se as vendas brasileiras ao exterior não dependessem tanto de commodities, e se os preços delas não tivessem despencados. O Índice Bloomberg, que compila o preço de 22 matérias primas, chegou aos níveis mais baixos do século XXI. Estão afetados pela redução da demanda da China. Foi esse cenário que em 2015 derru-

bou o valor das exportações pelo Espírito Santo ao menor patamar desde 2010.

As importações também são importantes impulsores da economia, e estão deprimidas pela recessão. A demanda dos importadores caiu com a diminuição da produção e do investimento.

Em 2016, o comércio exterior por certo continuará contribuindo para o crescimento do país, mas não o resgatará da crise. Arrastada por incertezas, a economia está se esfacelando.

Os investimentos desabaram: -14,1% em 2015, o maior recuo em quase 20 anos. Ao mesmo tempo, a indústria desacelerou 6,2%, também o pior desempenho no período, puxada pelo encolhimento de 9,7% na sua principal atividade, a transformação. A desindustrialização corre solta. Em consequência, são poucas as condições de

avançar no comércio exterior, e os produtos nacionais perdem espaço no mercado doméstico para similares importados – apesar de encarecidos pelo câmbio.

E então, o que é necessário para a economia reagir? A resposta curta e grossa é: que haja governo confiável aos olhos dos mercados. Não é o caso do atual. Mas, eventual mudança tem de ser pacífica e dentro da lei.

